



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE RONDÔNIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E INOVAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

MARGARETE DA SILVA VIEIRA

**DOCUMENTÁRIO EDUCATIVO SOBRE RACISMO, PRECONCEITO E
DISCRIMINAÇÃO EM SITUAÇÕES DO COTIDIANO.**

PORTO VELHO

2025

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Gerador de Ficha Catalográfica do IFRO.

Vieira, Margarete da Silva.

Documentário educativo sobre racismo, preconceito e discriminação em situações do cotidiano / Margarete da Silva Vieira. - Porto Velho, 2025.

17 f. : il.

Orientador(a): Prof. Dr. Edilberto Fernandes Syrczyk.

Produto Educacional (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica - ProfEPT) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO, Porto Velho, 2025.

1. Documentário educativo. 2. racismo. 3. preconceito. 4. discriminação. I. Syrczyk, Edilberto Fernandes (orient.). II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO. III. Título.

Bibliotecário(a) Responsável: Miria Santana Veiga, CRB-11/898



**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de
Rondônia Campus Porto Velho Calama
Departamento de Pesquisa e Pós-Graduação
Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica em Rede
Nacional - PROFEPT**

Autor: Margarete da Silva Vieira

Orientador: Edilberto Fernandes
Syrczyk.

Co-Orientador:

Linha de Pesquisa: Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica

Macroprojeto: Inclusão e diversidade em espaços formais e não formais de ensino na EPT.

1. DESCRIÇÃO DO PROCESSO OU PRODUTO EDUCACIONAL (obrigatório)

O produto educacional desenvolvido nesta pesquisa constitui-se em um documentário educativo, orientado pela temática do letramento racial na Educação Profissional e Tecnológica (EPT). A elaboração desse material surgiu da necessidade de criar instrumentos que não apenas sistematizasse o referencial teórico discutido na dissertação, mas que também possibilitasse sua apropriação prática no cotidiano das instituições escolares, especialmente naquelas vinculadas à Rede Federal.

A justificativa para a produção do material se ancora em dois elementos fundamentais. O primeiro é de ordem normativa, tendo em vista que a Lei nº 10.639/2003 e a Lei nº 11.645/2008, bem como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais (Brasil, 2004), exigem a abordagem sistemática da história e cultura afro-brasileira e indígena em todas as etapas da educação básica e profissional. O segundo elemento é de ordem empírica, revelado pelos dados coletados nesta pesquisa. As respostas dos estudantes ao questionário estruturado demonstraram lacunas significativas no que diz respeito à compreensão conceitual de racismo, preconceito e discriminação, além de evidenciar um baixo conhecimento sobre o conceito de letramento racial. Essas evidências reforçam a urgência de instrumentos pedagógicos que possam

contribuir para enfrentar tais fragilidades, promovendo uma educação mais crítica e inclusiva.

O documentário educativo foi elaborado como um recurso audiovisual. Composto por vídeos curtos, o material aborda dimensões específicas do racismo, com base nas categorias de análise identificadas na pesquisa e na literatura científica revisada, funcionando como representações pedagógicas de situações que ocorrem no cotidiano escolar e social. O documentário busca sensibilizar, provocar reflexão e estimular a discussão coletiva, explorando a potência das linguagens visuais e sonoras para mobilizar afetos e percepções que, muitas vezes, escapam ao texto escrito.

A metodologia de construção do produto articulou revisão bibliográfica, análise empírica e processos de tradução pedagógica. No documentário, as categorias emergentes — compreensão conceitual, vivências de discriminação, contradições entre discurso e prática, e impacto das ações pedagógicas — foram traduzidas em narrativas audiovisuais curtas, organizadas como disparadores para o debate crítico. Os vídeos foram produzidos pelos estudantes da Escola Estadual do Ensino Fundamental Padre Mário Castagna. Os vídeos foram exibidos para os estudantes do 1º ano do ensino médio integrado do curso de eletrotécnica. O material utilizado microfone de lapela e gravado pelo celular. Todo o processo de gravação e edição foi feito por uma profissional da área.

O objetivo central do produto educacional é contribuir para a consolidação de práticas antirracistas no âmbito da EPT, promovendo uma formação omnilateral que supere a fragmentação entre conhecimento técnico e conhecimento humanístico. O documentário, como recurso dinâmico e instigador pode ser utilizado para rodas de diálogo, debates em sala de aula e atividades de sensibilização.

A aplicabilidade do produto vai além do contexto imediato da pesquisa. O documentário pode ser utilizado em cursos técnicos integrados, em disciplinas específicas, em projetos de extensão e em formações continuadas de professores. Sua estrutura flexível permite adaptações para diferentes áreas da EPT, assegurando que a temática das relações étnico-raciais não fique restrita às ciências humanas, mas dialogue também com os cursos técnicos, de engenharia e de tecnologia.

O produto educacional intitulado *“Letramento racial na perspectiva da*

Educação Profissional e Tecnológica” representa um exercício prático de enfrentamento ao racismo estrutural por meio de experiências pedagógicas críticas e criativas. A construção dos cinco vídeos temáticos nasceu do desejo de articular o campo da Educação Profissional e Tecnológica (EPT) com as demandas urgentes da educação antirracista, buscando dar forma a uma proposta de **letramento racial antirracista** que conjugue teoria, emoção e ação transformadora.

A utilização do recurso audiovisual mostrou-se uma escolha metodológica potente, pois permitiu aos sujeitos da pesquisa não apenas representar o racismo, mas **reconhecê-lo em suas múltiplas expressões e reposicionar-se diante dele**. Cada vídeo constituiu-se como uma leitura de mundo, no sentido freiriano (Freire, 1996), e, simultaneamente, como um gesto de denúncia e criação — conforme propõem Nilma Lino Gomes (2019) e Sueli Carneiro (2005), ao compreenderem a educação como um campo de disputa simbólica e política.

O vídeo “Perfil da empresa” tematiza o racismo institucional e o mito meritocrático, expondo como os discursos de “perfil” e “adequação cultural” mascaram práticas de exclusão racial. Essa representação dialoga com as análises de Kabengele Munanga (2016), ao revelar que a estrutura de poder nas relações de trabalho ainda é regida pela herança escravocrata e pela crença na supremacia branca. A cena desnaturaliza a ideia de competência neutra e mostra que a cor da pele segue sendo um marcador determinante de oportunidades, o que também ecoa nas reflexões de Silvio Almeida (2019) sobre o caráter estrutural do racismo.

Em “*O que você está fazendo aí?*”, a narrativa desloca a discussão para o **racismo espacial e simbólico**, questionando quem tem o direito de ocupar determinados lugares de prestígio. A citação de Bento (2022) é central, pois sua concepção de **pacto narcísico da branquitude** ajuda a compreender o incômodo gerado pela presença de pessoas pretas em posições de poder e liderança. Essa cena traduz o olhar vigilante da branquitude sobre os corpos negros, um controle silencioso e cotidiano que mantém as hierarquias raciais mesmo em espaços supostamente democráticos.

O vídeo “*Livros para quem?*” problematiza o **racismo epistêmico**, isto é, a desautorização histórica das pessoas negras como produtoras e detentoras de conhecimento. A expulsão simbólica da jovem da livraria atualiza a crítica de Lélia Gonzalez (1982) e de Djamila Ribeiro (2019), que denunciam a exclusão das

epistemologias negras e femininas dos espaços legitimados do saber. Essa cena também conversa com a noção de “educação bancária” em Paulo Freire (1996), na medida em que denuncia o modelo de ensino que separa sujeitos que “sabem” daqueles que “não sabem”, reforçando as desigualdades e o silenciamento de vozes subalternizadas.

Em “*Você é a médica?*”, o foco recai sobre os estereótipos raciais que associam competência intelectual à branquitude. O espanto diante da médica preta revela o quanto os imaginários sociais ainda estão marcados pela naturalização da inferiorização do corpo negro. Essa representação reforça as análises de Patricia Hill Collins (2017) sobre a intersecção entre raça e gênero e o modo como o racismo estrutura a percepção de autoridade e credibilidade nas profissões. A cena convoca à desconstrução do olhar colonial que define o “lugar do negro” e evidencia a urgência de uma formação ética que reconheça as diversas expressões da inteligência, da sensibilidade e do saber.

O vídeo “*Você trabalha aqui?*” fecha o conjunto ao abordar o **racismo cotidiano**, disfarçado em “mal-entendidos” e “confusões inocentes”. A situação, aparentemente banal, expõe a sutileza das violências simbólicas que mantêm a segregação racial em espaços culturais. Conforme explica Munanga (2016), esse tipo de comportamento traduz o “racismo à brasileira” — cordial, dissimulado, porém profundamente enraizado — que persiste justamente por se travestir de normalidade. O desconforto causado pela presença de uma jovem preta como cliente revela como a branquitude ainda se percebe como medida e referência universal de pertencimento.

A produção desses vídeos, além de representar situações concretas, funcionou como processo formativo coletivo. Estudantes e docentes puderam refletir sobre suas próprias posturas, identificar preconceitos internalizados e elaborar novas formas de agir no cotidiano escolar. Assim, o produto educacional não apenas retrata o racismo, mas atua como ferramenta de letramento racial, mobilizando dimensões cognitivas, afetivas e políticas da aprendizagem. Essa experiência confirma o que Gomes (2019) denomina de *educação emancipadora*, na qual o conhecimento é mediado pela consciência crítica e pela transformação social.

Ao discutir os vídeos com base nas contribuições de autores como Freire (1996), Munanga (2016), Carneiro (2005), Bento (2022), hooks (2017), Ribeiro (2019) e Almeida (2019), a pesquisa reforça que o letramento racial antirracista é

uma prática política de leitura e escrita do mundo, voltada à superação das hierarquias raciais e à construção de novas narrativas de pertencimento. O produto educacional demonstra que a EPT pode — e deve — ser um espaço de promoção da justiça racial, articulando formação técnica e formação humana de maneira indissociável.

Conclui-se, portanto, que os vídeos criados constituem um material pedagógico potente para o trabalho com estudantes e professores da Educação Profissional e Tecnológica, por possibilitarem o diálogo, o reconhecimento de si e do outro e a construção de uma postura ética diante do racismo. A arte, nesse contexto, revela-se mediadora da consciência e instrumento de resistência. O produto reafirma o compromisso da educação pública com a emancipação dos sujeitos e com a efetivação de uma sociedade plural, crítica e solidária, em que as práticas de letramento racial antirracista tornem-se parte essencial da formação integral.

1. **TIPO DE PRODUTO:** Documentário educativo
2. **NÍVEL DE ENSINO:** Toda a comunidade escolar
3. **SÉRIE/ANO:** Todos
4. **CURSOS TÉCNICOS INDICADOS/SEGMENTO PROFISSIONAL:**
Todos
5. **TRANSFERÊNCIA/USOS JÁ EFETIVADO:** Produto aplicado e avaliado pelos sujeitos da pesquisa

2. IMPACTO SOCIAL (obrigatório)

O documentário busca sensibilizar, provocar reflexão e estimular a discussão coletiva, explorando a potência das linguagens visuais e sonoras para mobilizar afetos e percepções que, muitas vezes, escapam ao texto escrito.

Registro do dia 19 de março 2025 – Roda de conversa com a psicóloga na escola Padre Mário Castagna.





Planejamento da elaboração do objeto instrucional

Vídeo 1

Título: Você trabalha aqui?

Conteúdo: Nesse vídeo, uma jovem negra é confundida como uma vendedora na livraria, mas nada indicava que ela trabalhasse naquele lugar, nem um uniforme, nem um crachá, não estava na porta recebendo os clientes, enfim, ela estava lá apreciando os livros. Entretanto, esse não é um direito ou um privilégio dela, e isso fica evidente no incômodo das pessoas. Essa sutileza do racismo nos faz pensar que aquele lugar não lhe pertence, a não ser como funcionária, jamais como cliente, proprietária, ainda mais uma pessoa que tenha como lazer a leitura.

Cena:

Personagem 1: Boa tarde moça, você sabe se esse livro está na promoção?

Valéria: Moço eu não sei eu não trabalho aqui.

Personagem 2: Moça, boa tarde! Tem esse livro aqui, e mostra pra Valéria

Valéria: Moça eu não sei, eu não trabalho aqui.

Personagem 3: Moça você sabe se esse livro está com desconto?

Valéria: Moça eu não sei, eu não trabalho aqui.

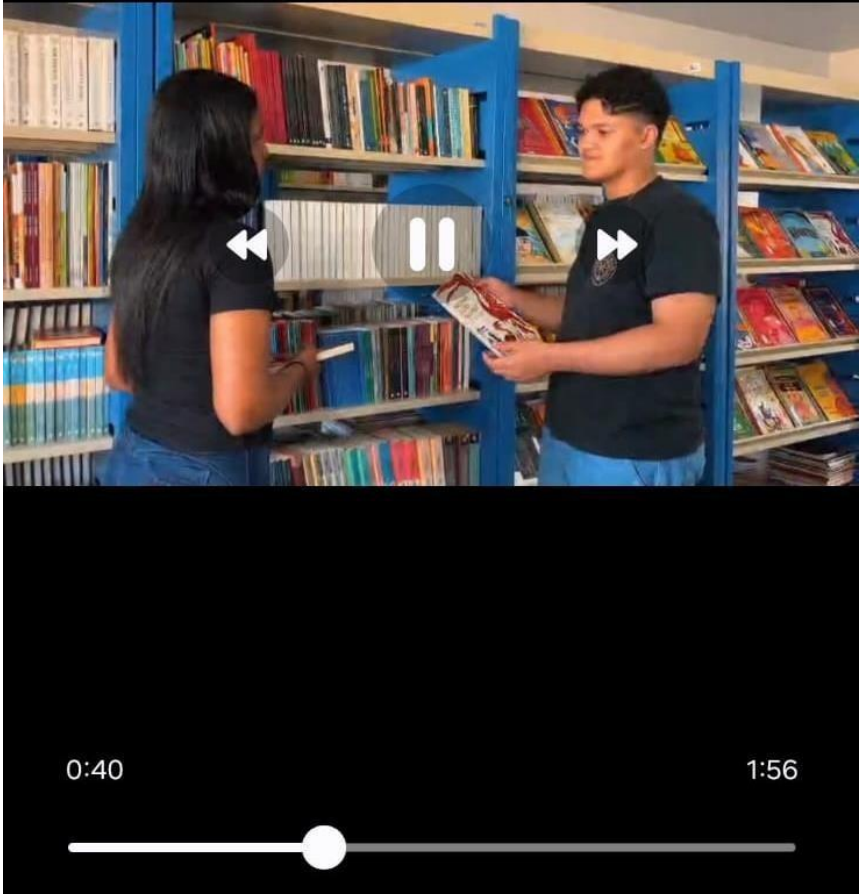
Personagem 4: Moça você trabalha aqui?

Valéria: Não, eu não trabalho.

Personagem 5: Moça, quanto tá esse livro?

Valéria: Eu não sei eu não trabalho aqui.

Link para acesso ao vídeo: [\(1248\) Você trabalha aqui? - YouTube](#)



Vídeo 2

Título: Você é a médica?

Conteúdo: Neste vídeo, uma médica preta é questionada se realmente é médica. A indagação voltada de maneira particular a profissionais afrodescendentes indica que, para uma parte da sociedade, a percepção de capacidade na área médica ainda não se vincula a indivíduos de pele preta. Essa prática expressa um estereótipo racial duradouro que associa a inteligência e a autoridade à branquitude, enquanto marginaliza indivíduos negros a funções historicamente ligadas à subalternidade, à servidão e a atividades manuais.

Cena:

Amanda: Eu sou Amanda uma médica bem sucedida, mas pra eu chegar até aqui eu precisei batalhar muito, eu tinha que ser a melhor em tudo, mas a minha competência não me blinda do racismo e do preconceito.

Recepcionista: Pedro Monteiro da Silva, você é o próximo.

Paciente: É Pedro Monteiro Silva

Paciente: Você é a médica?

Amanda: Sim, sou. O que você está sentindo?

Paciente: Estou sentindo febre, dor de cabeça, mal estar, uma pontada no peito

Amanda: Eu vou medir seus batimentos cardíacos, respira fundo. Eu vou passar uma receita pra você, você vai tomar esse remédio de doze em doze horas

Paciente: Doutora! você tem certeza que tenho que tomar todos esses remédios?

Amanda: O que você acha?

Link para acesso ao vídeo: [\(1248\) Você trabalha aqui? - YouTube](#)



Vídeo 3

Título: Livros para quem?

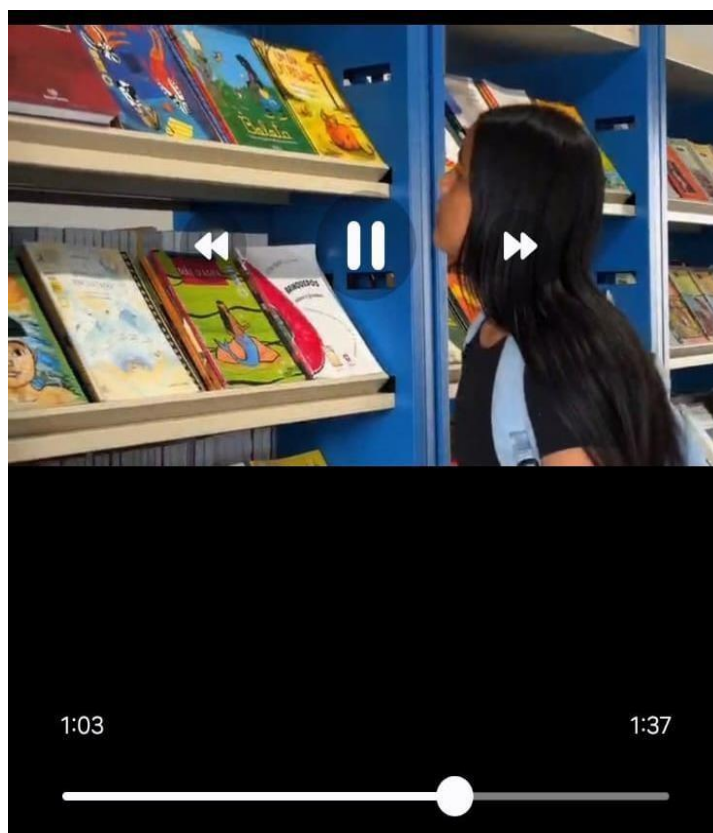
Conteúdo: Nessa cena, uma jovem estudante está feliz, pois vai comprar, depois de muito esforço, um livro do seu curso, porém algo inusitado acontece: ela é expulsa da livraria, de forma ríspida pelo proprietário, dizendo não haver nada para ela ali. Como somos socialmente lidos pelo outro, quem determina os lugares que devemos estar e frequentar, o que faz pensar que livros, conhecimentos, saberes, tecnologia, ciência não estão associadas às pessoas negras, mas somente a pessoas brancas. Tudo isso deixa evidente como o racismo é camuflado e dissimulado em nossas relações sociais.

Cena:

Amanda: Eu sou Amanda, acabei de passar no curso de enfermagem, finalmente vou começar o curso que eu amo. Mas só agora consegui o dinheiro para comprar o livro mais importante do primeiro período, mas eu não imaginava que isso ia acontecer, na verdade a gente sempre sabe.

Dono da livraria: Ei, o que você está fazendo aqui? Não tem nada pra você, sai, sai, sai.

Link para acesso ao vídeo: [\(1247\) Livros para quem? - YouTube](#)



Vídeo 4

Título: O que você está fazendo aí?

Conteúdo: Essa cena retrata o preconceito de quem pode estar em determinados lugares. O ato de questionar de forma ríspida o porquê daquela mulher negra estar naquele lugar, questiona-se também a sua autoridade, o seu conhecimento e a sua liderança. Não é natural vermos pessoas negras no lugar de destaque nas empresas, universidades, escolas, igrejas, mídia, etc. Geralmente essas pessoas ocupam outros lugares subalternos, nos quais são invisíveis e silenciosas, e ninguém questiona o que elas fazem ali. Como afirma Bento: “Os negros estão fora de lugar quando ocupam espaços considerados de prestígio, poder e mando” (Bento, 2022, p. 74)

Cena:

Carla: Meu nome é Carla Freitas, sou formada em ciências sociais e também sou palestrante, a maioria das minhas palestras acontece a seguinte situação.

Funcionário: Claudete, onde está Claudete?

Carla: Eu não sei

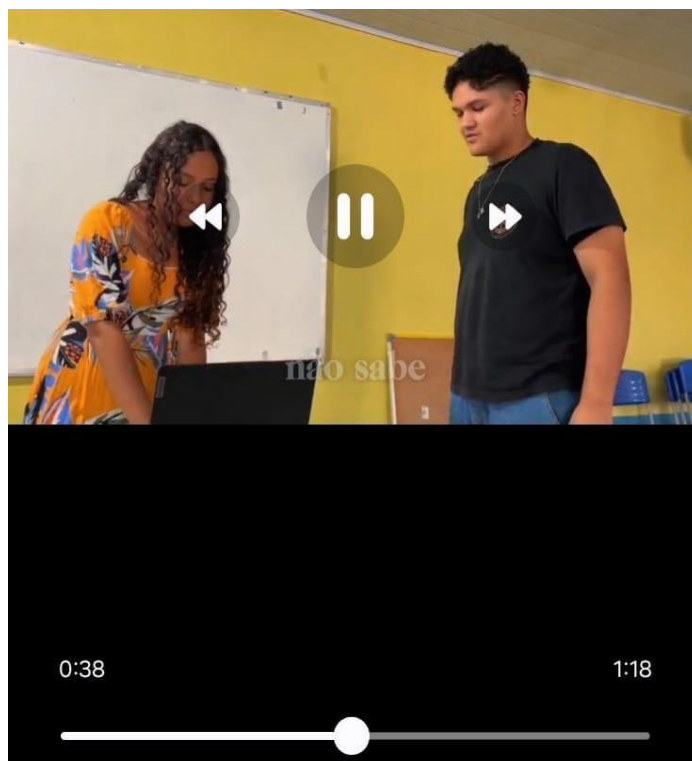
Funcionário: Como não sabe, por que está mexendo no computador?

Carla: Eu não sei eu não trabalho aqui

Funcionário: Você é a palestrante de hoje, Carla Freitas? Você é a palestrante?

Carla: Sim sou eu

Link para acesso ao vídeo: [\(1248\) O que você está fazendo aí? - YouTube](#)



Vídeo 5

Título: Perfil da empresa

Conteúdo: Essa cena discorre em uma empresa que está em busca de aumentar o quadro de funcionários; no entanto, a candidata negra, mesmo sendo a mais qualificada, não é contratada. A cena retrata um processo seletivo em uma empresa que busca expandir seu quadro de funcionários. Apesar de a candidata negra apresentar a melhor qualificação técnica e profissional entre os concorrentes, ela não é contratada, evidenciando um caso de discriminação racial no ambiente de trabalho. A utilização da “falta de perfil” como justificativa pode contribuir para a exclusão sistemática de profissionais pretos do mercado de trabalho ou melhores oportunidades de emprego. Essa alegação pode indicar uma exclusão de trabalho ou melhores oportunidades de emprego. Essa alegação pode indicar também uma resistência à diversidade racial dentro da empresa.

Cena:

Funcionário: Próximo

Candidata 1: Eu tive problemas pessoais, por isso não terminei a faculdade, mas eu sou muito esforçada, eu aprendo as coisas rápidas, eu preciso apenas de uma oportunidade.

Funcionário: Tá certo, se surgir alguma vaga entraremos em contato com você, ok.

Candidata 1: Obrigada!

Funcionário: Próximo

Candidata preta: Bom dia!

Funcionário: Sente-se, bom vejo que você é formada em Administração pela universidade federal.

Candidata preta: Eu sou muito estudiosa

Funcionário: Não é pra tanto também né, mas essa vaga já foi preenchida e também você não tem o perfil pra nossa empresa.

Candidata preta: Tá bom, muito obrigada!

Link para acesso ao vídeo: [\(1248\) Perfil da empresa - YouTube](#)

